

# Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“É oportunismo político”

(Marina Silva, do Rede Sustentabilidade, ao falar sobre impeachment, objeto de desejo do tucano Aécio Neves após ser derrotado por Dilma)

## A FORÇA DO PMDB\*

Governadores	7
Senadores	18
Deputados Federais	65
Deputados Estaduais	142
Prefeitos	1.082
Vereadores	7.825

\*Resultados das eleições de 2012 e de 2014

## O PMDB nu e cru

► O partido bota as unhas de fora, expõe seu famélico desejo de poder e deixa o papel de coadjuvante

**S**EM QUALQUER CONSTRANGIMENTO, o PMDB, nas últimas semanas, desnudou-se para o público em geral, e para a presidenta Dilma Rousseff em particular. Na disputa por mais espaço na administração federal, o partido deu uma lição nua e crua de como pode ser a política de coalizão no que ela tem de pior. E sempre piora mais quando os aliados, como é o caso de agora, não são agregados em torno de objetivos programáticos. Ou seja, são de campo ideológico diferente. Por isso, os compromissos dão-se em torno do conhecido e amaldiçoado “toma lá dá cá”.

Embora tenha perdido parte do vigor eleitoral desde a ascensão do PT, o PMDB é ainda o dono da mais poderosa representação no Congresso, com 17 senadores e 67 deputados federais. Além disso, é senhor dos votos capazes de evitar ou promover o *impeachment* buscado obsessivamente pela oposição. O partido, além da força própria, comanda um bloco de 150 votos na Câmara.

Desiludam-se os ainda iludidos. Se é que eles existem.

**Não se governa** sem base sólida no Congresso. É disso que o “aliado” se aproveita para travar queda de braço com Dilma e o PT. Como detentor de uma robusta capilaridade por todo o País, não quer perdê-la. Números oficiais da agremiação indicam o controle de quase mil prefeituras e cerca de 8 mil vereadores.

Com essa força, mas sem liderança, tornou-se um aliado do “presidente atual”.

Na pós-ditadura, o partido “ficou” com Sarney, Collor e FHC. Com esses os peemedebistas têm algum parentesco. Com Lula foi difícil a convivência. Com Dilma tem sido muito pior.

Após ganhar a eleição presidencial de 2002, não foi fácil para o presidente montar esse apoio parlamentar. Superou tudo graças à elevadíssima popularidade. Segundo números do Ibope, ele deixou o governo, em 2010, com uma avaliação de 80% no patamar “ótimo/bom”. A confiança nele arrastava 81% da população, e a maneira de governar explodia com 87% de aprovação.

Dilma herdou esse legado. Os bons números, porém, foram se derretendo ao longo do primeiro mandato. Já reeleita, terminou 2014 com 40% de “ótimo/bom”. Tinha a confiança de 51% da sociedade e a aprovação da “maneira de governar” estava na casa dos 52%.

**Ela teve vitória** difícil na moldura de uma economia que se desmancharia no começo de 2015.

Além dos erros já admitidos pela presidenta, e com o modelo econômico esgotado, o PMDB botou as unhas de fora e expôs seu famélico desejo de poder. Deixou o papel de coadjuvante e alcançou posição de destaque. Com a reação, com cheiro de chantagem política, abocanhando sete ministérios. Entre eles o poderoso Ministério da Saúde, posto estratégico para os objetivos do partido em 2016 e, quiçá, em 2018.

Com qual candidato a presidenta iria?

Aconchegado às novas cadeiras da administração, o PMDB só romperá a aliança em tempo hábil para disputar a eleição de 2018 ou para arrumar novo par. Eis o PMDB como ele é.



Mendes planta a semente

## Veto e voto I

Apesar da derrota do ministro Gilmar Mendes contra o veto à doação de empresas privadas para as campanhas eleitorais, ele deixou no voto que deu um argumento-guia para o movimento de reação à decisão do STF.

Na visão de Mendes, o resultado transferiu o poder de financiamento para o partido no poder.

Partindo de quem partiu, trata-se de mero casuísmo nascido da preocupação do PSDB com a eleição de 2018 com o PT no poder e, naturalmente, com o fantasma da candidatura de Lula.

O argumento, com certa consistência teórica, nem sempre é bem-sucedido na prática.

## Veto e voto II

Na eleição de 1994, o candidato FHC recebeu expressivo apoio das empresas de telecomunicações dispostas a tudo para que o tucano cumprisse a promessa, assumida na campanha, de privatizar o setor.

O mesmo se repetiu na reeleição de FHC em 1998.

Naquela ocasião as mesmas companhias queriam ampliar as concessões e foram as que mais

contribuíram para a reeleição do então presidente.

Ninguém, no entanto, falou nas vantagens do candidato tucano.

Apesar disso, em 2002, Lula venceu a eleição sem apoio do Planalto.

## Friboi faz a farra

Com a decisão do STF e o veto da presidenta Dilma às doações de empresas privadas aos partidos, a campanha eleitoral de 2016, salvo algum jeitinho, estará desfalcada do apoio da Friboi, a maior contribuinte das eleições de 2014.

A empresa, através de subsidiárias, doou oficialmente cerca de 350 milhões de reais distribuídos entre 16 partidos.

Oxigenou metade das siglas registradas no Tribunal Superior Eleitoral.

Sem citar o nome da empresa, o ministro Dias Toffoli detalhou, no plenário do Supremo, que o dinheiro doado pela Friboi elegeu mais de cem deputados.

Embora tenha votado pelo veto à doação de empresas, Toffoli sugeriu que a disputa eleitoral deve ser realizada com “menos regulamentação e mais liberdade”.

Embora mergulhado

na contradição, o ministro aconselhou com exatidão: “Excesso de proibição leva à corrupção”.

## Recado a Têmis

Com frequência, o ministro Marco Aurélio Mello, do STF, sobrevoa sobre temas provocados pela Operação Lava Jato.

Além do número exagerado de delações premiadas, incomodam o ministro “a generalização das prisões preventivas” e “a prisão preventiva como forma de fragilizar o preso”. O ministro ressalva que suas observações não se dirigem à Polícia Federal, ao Ministério Público e “muito menos ao colega Sergio Moro”.

Mello, é claro, dialoga com Têmis, a deusa da Justiça.

## Desce o pano

O Ministério Público da Suíça, onde se lava mais branco, ao confirmar a existência de contas do deputado Eduardo Cunha naquele país, pôs fim à arrogância do presidente da Câmara.

Cunha foi chamado para o assunto da tribuna da Casa. Fez silêncio. Em coro com o PT.

## Na subida do morro

O assassinato de um menor no Morro da Providência, no Rio, por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), é prova contundente do fracasso do modelo de segurança nas comunidades carentes.

Isso leva a perguntar às autoridades policiais: não é preciso, primeiro, pacificar a polícia?

## Voz do povo

Trova em circulação desde a Revolução Praieira, em 1848: *Quem viver em Pernambuco, não há de estar enganado; Ou será um Cavalcanti ou será um cavalgado. Resgate feito, em 2015, por Jarbas Cavalcanti, Roberto Cavalcanti e Raul Cavalcanti.*

[mauriciodias@cartacapital.com.br](mailto:mauriciodias@cartacapital.com.br)